



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA À DISTÂNCIA**

**TARCIA GABRIELA HOLANDA NUNES**

**A RELAÇÃO PROFESSOR(A)/ALUNO(A) NO PROCESSO DE ENSINO  
APRENDIZAGEM**

**JOÃO PESSOA - PB  
2017**

**TARCIA GABRIELA HOLANDA NUNES**

**A RELAÇÃO PROFESSOR(A)/ALUNO(A) NO PROCESSO DE ENSINO  
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Nunes da Fonsêca

**JOÃO PESSOA - PB**

**2017**

N972r Nunes, Tarcia Gabriela Holanda.

A relação professor(a)/aluno(a) no processo de ensino aprendizagem / Tarcia Gabriela Holanda Nunes. – João Pessoa: UFPB, 2017.

24f.

Orientadora: Patrícia Nunes da Fonsêca

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia – modalidade à distância) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Relação professor-aluno. 2. Aprendizagem. 3. Trabalho docente. I. Título.

**TARCIA GABRIELA HOLANDA NUNES**

**A RELAÇÃO PROFESSOR(A)/ALUNO(A) NO PROCESSO DE ENSINO  
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Nunes da Fonsêca.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Patrícia Nunes da Fonsêca  
Orientadora  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

---

Profa. Dra. Mônica Dias Palitot  
Membro Interno  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

---

Prof. Magno Alexon Bezerra Seabra  
Membro Interno  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

## **AGREDECIMENTOS**

Agradeço a Deus, primeiramente, pois sem ele não conseguiria chegar até onde cheguei. Ele foi a direção para que, nas horas difíceis, eu conseguisse me guiar e não desistir.

À minha família, meu esposo Marcelo Jorge e a minha filha, que me ajudaram com incentivo e dedicação, para que eu continuasse seguindo esse trajeto e cumprisse mais essa etapa da minha vida acadêmica.

Aos meus irmãos, que estiveram comigo, contribuindo com a motivação, para realização desse trabalho.

A minha mãe e meu pai, que muitas vezes me ajudaram de várias formas, para que eu não desistisse em nenhum momento.

A todos os professores Universidade Federal da Paraíba – UFPB que contribuíram para meu aprendizado, possibilitando-me experiências e conhecimentos de forma muito competente.

Agradeço também a minha orientadora, Profa. Dra. Patrícia Nunes da Fonsêca pela constante orientação, ajuda e atenção que sempre dedicou nas horas de dúvidas e na construção de todo este trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo geral fazer uma análise crítica e reflexiva sobre a relação professor/aluno no o processo de ensino - aprendizagem, especificamente, busca aprofundar conhecimentos acerca do tema através de uma pesquisa bibliográfica e, refletir sobre o papel do professor no relacionamento com os educandos. A pesquisa foi de cunho bibliográfico, onde se fez um levantamento de diversos autores e artigos sobre o tema. Conclui-se que o professor é um profissional fundamental no processo de ensino e aprendizagem do aluno e, dependente da tendência pedagógica que ele adota em sua prática, o mesmo terá uma forma particular de se relacionar com o aprendente, fato que irá influenciar de modo positivo ou negativo na aprendizagem do discente. Sugere-se, portanto, maior discussão sobre as práticas adotadas pelos professores em sala de aula.

**Palavras-chave:** Relação professor–aluno. Aprendizagem. Trabalho docente.

## **ABSTRACT**

This work aims to make a critical and reflexive analysis about the teacher - student relationship in the teaching - learning process, specifically, to deepen knowledge about the subject through a bibliographical research and to reflect on the role of the teacher in the relationship with the students. The research was of bibliographic character, where a survey of several authors and articles on the subject was made. It is concluded that the teacher is a fundamental professional in the process of teaching and learning of the student and, depending on the pedagogical tendency that he adopts in his practice, it will have a particular way of relating to the learner, a fact that will influence in a way Positive or negative in student learning. It is suggested, therefore, a greater discussion about the practices adopted by teachers in the classroom.

**Keywords:** Teacher-student relationship. Learning. Teaching work.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
2. PROBLEMATIZAÇÃO.....	8
2.1 OBJETIVOS .....	9
3. ELEMENTOS QUE PERMEIAM O PROCESSO EDUCATIVO .....	10
3.1. ENSINO APRENDIZAGEM.....	10
3.2. O PROCESSO EDUCATIVO A CERCA DAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS .....	12
4. O PROFESSOR E A AFETIVIDADE.....	16
4.1. CONSTRUINDO A AFETIVIDADE.....	16
4.2 AUTO-ESTIMA X APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ENSINO .....	18
5. METODOLOGIA .....	21
6. ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXIVA .....	22
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	24



## 1. INTRODUÇÃO

O relacionamento humano é peça fundamental na vida dos indivíduos, seja na família, escola ou trabalho, visto que envolve um conjunto de interesses que mantém as pessoas juntas. Sendo assim, é relevante estudar a relação professor – aluno, pois dependendo de como ela ocorre, ocasiona prejuízo ou promove o processo de ensino-aprendizagem.

É sabido que a escola oferece uma fonte de oportunidades para que as pessoas aprendam a ser, a fazer e a conviver, pois em uma sociedade globalizada, saber se relacionar torna-se peça importante para o crescimento do ser humano enquanto pessoa e profissional. Portanto, dentre as tantas relações relevantes na escola, elegeu-se estudar o relacionamento professor-aluno.

Segundo Gomez (2000), a relação entre professor/aluno deve ser empática, onde ambos os parceiros da comunicação demonstrem a capacidade para ouvir e refletir sobre as questões que estão sendo abordadas por cada um dos interlocutores. Assim, haverá mais possibilidade de abertura na comunicação e, portanto, melhor o clima de aprendizagem. Nestes casos, a participação dos alunos nas aulas é de suma importância, pois estará expressando seus interesses, preocupações, desejos e vivências, e assim construindo ativamente seu conhecimento.

Ademais, na atualidade, o professor tem deixado de ser apenas um mero transmissor de conteúdo, assumindo a postura de mediador do conhecimento, ou seja, tornando-se ponte entre os saberes que ele detém e os conhecimentos trazidos pelos educandos. Assim, o processo de ensino e aprendizagem é o caminho pelo qual professores e alunos terão a missão de trilhar para que, no final dessa caminhada, obtenham o sucesso escolar tão almejado. Entretanto, o que muitas vezes ocorre é que no meio desse processo existem interferências, que dificultam a aprendizagem e ocasionam o fracasso escolar.

O fracasso escolar é o vilão que tem ocasionado medo nos alunos, todavia, pesquisas apontam que em alguns casos, o professor tem a sua parcela de responsabilidade pelo fracasso do aluno. Nessa perspectiva, autores como Charlot (2005) e André (1999) afirmam que, pelo fato de muitos professores rotularem seus alunos, criando estereótipos, e não oferecem a devida atenção às necessidades dos jovens, esses, por sua vez, ficam desmotivados em frequentar a escola e terminam por abandonar os estudos.

A relação professor- aluno, em alguns casos é baseada no autoritarismo, o que leva ao distanciamento desses indivíduos e, conseqüentemente, a falta de compreensão das

necessidades dos educandos. André (1999) em vários trechos do seu livro “Pedagogia das diferenças na sala de aula”, busca compreender os possíveis fatores que interrompem o sucesso do processo de ensino-aprendizagem e acarretam o fracasso escolar, aponta, dentre outros fatores, a falta de afetividade do professor.

Todavia, ressalta-se aqui que, o professor não é o único responsável para uma educação de qualidade e eficaz, mas acredita-se que o professor é um dos principais agentes para essa educação aconteça. É ele quem deve propor, fazer a diferença e inovar procurando sempre estabelecer um bom relacionamento com seus alunos possibilitando assim um ambiente favorável de aprendizagem.

Portanto, diante das considerações acima, foi formulado o seguinte problema de pesquisa: Como deve ser a relação professor-aluno no processo de ensino - aprendizagem? Haja visto que a forma como os atores sociais da sala de aula (professor – aluno) se relacionam afeta todo o processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo geral fazer uma análise crítica e reflexiva sobre a relação professor/aluno no o processo de ensino - aprendizagem, especificamente, busca aprofundar conhecimentos acerca do tema através de uma pesquisa bibliográfica e, refletir sobre o papel do professor no relacionamento com os educandos.

Partindo desta problemática, procurou-se alcançar os objetivos propostos. Aprofundou-se também o conhecimento sobre o relacionamento professor/aluno no processo de ensino-aprendizagem através dos autores consultados.

Enfim, acredita-se que a realização deste trabalho, será de suma importância para esclarecer dúvidas e confirmar a expectativa em relação ao tema abordado. A pesquisa foi necessária, tanto para a minha formação enquanto estudante, mas também como pesquisadora. O estudo interessa a todos que atuam na área da educação, pois ele traz uma reflexão sobre como os professores podem agir de maneira que seu trabalho dentro de sala de aula se torne cada dia melhor.

### **3. ELEMENTOS QUE PERMEIAM O PROCESSO EDUCATIVO**

#### **3.1. ENSINO APRENDIZAGEM**

De acordo com o dicionário Aurélio (2009) ensinar significa transmitir conhecimento sobre alguma coisa a alguém. É fato que os professores ensinam conteúdos pedagógicos para os alunos, mas também educam sobre as questões relacionadas a vida em sociedade. Assim, o professor deve realizar um planejamento eficaz de suas aulas e buscar constantemente metodologias adequadas que atendam às necessidades dos educandos.

Em linhas gerais, é notório que o processo de ensino aprendizagem tem como ponto de partida a figura do professor e a forma como ele se relaciona com seus alunos, utilizando como eixo norteador, não apenas o conhecimento mediado, resultante da captação e absorção dos conteúdos propostos pelo currículo, mas sim de uma formação integral de seus alunos, visando construir cidadãos conscientes.

Quando se trata de formar integralmente os alunos, entende-se que não é uma tarefa fácil. Para que isto efetivamente ocorra, é imprescindível a conscientização dos professores, para que possam planejar variadas estratégias a fim de facilitar a aprendizagem de seus alunos. O educador deve então, estar aberto a passar por novas experiências, compreendendo o mundo e a realidade na qual seus alunos estão inseridos, mantendo uma relação baseada na valorização dos sentimentos dos seus alunos, nos seus problemas e necessidades, para que no fim desse processo os mesmos sintam-se realizados (FREIRE, 1996).

É fato que, por vezes, os conteúdos científicos tornam-se complicados na visão dos alunos, cabendo ao professor simplificar sem modificar seu conteúdo essencial, contextualizando esse conteúdo a realidade dos educandos, gerando uma aproximação e maior interesse por parte dos alunos, já que o professor acaba falando a mesma língua da sua turma.

É de fundamental importância fazer com que os envolvidos no ensino/aprendizagem, reconheçam que não se trata de uma tarefa individual, mas sim coletiva, onde o conhecimento é o fruto das relações humanas e das atividades desenvolvidas pelos seus agentes, podendo trazer influências sociais e culturais ao longo de seu processo de aquisição.

É nessa perspectiva que entra em questão a importância da relação professor/ aluno nesse processo, no qual o professor tem papel relevante, agindo como mediador dos conteúdos

e das estratégias de aprendizagem, para que ocorra a efetiva compreensão e assimilação dos mesmos.

Em suas pesquisas, Morin (2005) enfatiza um conhecimento científico baseado na ligação entre as partes em conflito e ressalta que, na análise dos problemas e das necessidades, devem-se tentar resolver as questões por meio do diálogo. Assim, o processo de ensino/aprendizagem só terá eficácia se o conhecimento científico deixar de ser elitizado, ou seja, acessível para uma minoria. É necessário que a ciência assuma a sua função social no decorrer do processo de ensino/aprendizagem.

Atualmente, a aproximação entre o homem e a ciência se torna de fundamental importância. O professor deve considerar que o aluno está em um contínuo processo de formação e que este período de aprendizagem deve ser valorizado. Tornar a ciência mais acessível aos alunos é evidenciar que independente da área estudada, o resultado final a ser atingido é o bem estar humano.

As atividades postas em prática pelo professor e a forma como o mesmo se relaciona com seus alunos em sala de aula demonstra como ele se impõe frente a uma sociedade competitiva e que anseia sempre mais conhecimento.

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos, fundamentada numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e paradigmas da sociedade. (ABREU & MASETTO, 1990, p. 115).

O ser humano está em contínuo processo de evolução, ou seja, seres inacabados que na relação de ensino/ aprendizagem ocupam o mesmo patamar. Sendo assim, cada vez mais a relação professor/ aluno está vinculada a uma série de representações simbólicas, que uma hora ou outra, irão entrar em conflito no âmbito social ou cultural. De acordo com Freire (1996, p. 96),

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas imaginações, suas dúvidas, suas incertezas.

Diante do exposto por Freire (1996), percebe-se que, além do papel inspirador do professor, é importante salientar que a construção inadequada de um ambiente de ensino/aprendizagem, pode configurar-se em um espaço repleto de contrastes e complexidade cultural.

O educador deve manter a sua constante capacitação profissional, levar em consideração o amplo universo cultural que o seu aluno pode estar inserido.

Sendo assim, Freire (1996) ainda afirma que:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p. 96).

Desse modo, existe a necessidade de existir afetividade, confiança e respeito na relação professor/aluno. O professor deve estar consciente do seu dever de formador de opinião e não deixar que nada o interfira no cumprimento da sua função. Nesse sentido, compreende-se que a relação professor/ aluno no processo de ensino/ aprendizagem depende do ambiente criado pelo professor, da relação que ele estabelece com seus alunos, da sua capacidade de ouvir, refletir e debater as questões e necessidades trazidas por seus alunos, visando construir um caminho de acesso entre o conhecimento que ele detém e o conhecimento dos educandos.

### 3.2. O PROCESSO EDUCATIVO ACERCA DAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

A prática escolar brasileira está permeada nas diversas tendências pedagógicas que visam contribuir para a formação continuada dos educadores e em seus pressupostos de aprendizagem.

A tentativa de sintetizar essas tendências pedagógicas nem sempre é bem sucedida, já que as mesmas sofrem influências das diversas formas de ensinar. No entanto, para facilitar a compreensão, pode-se citar Libâneo (1990), que as divide e classifica em dois grupos: as liberais e as progressistas. As tendências liberais incluem a tendência tradicional e a renovada, já na tendência progressista estão incluídas a tendência libertadora, a libertária e a crítico- social dos conteúdos.

Ainda de acordo com Libâneo (1990), a pedagogia liberal baseia-se na idéia de que a função da escola é preparar os indivíduos no bom desempenho de seus papéis sociais, considerando as aptidões individuais dos envolvidos. Isso implica dizer que, o indivíduo tem a necessidade de adaptar-se aos valores e normas que a sociedade impõe, priorizando a cultura da individualidade. Devido a isso, a diferença entre as classes sociais não é levada em

consideração, a escola acaba difundindo a idéia de igualdade, mas não reflete que nem todos têm oportunidade às mesmas condições.

Para Luckesi (2005), na tendência liberal o aluno é considerado como um ser passivo, onde predominam aulas expositivas, tendo fim em uma aprendizagem receptiva e mecânica, na qual o professor relaciona-se com o aluno por meio da sua autoridade em sala de aula.

Quando se fala no termo liberal, é comum fazer associação a algo democrático, avançado ou aberto, no entanto, não é bem dessa forma. A doutrina liberal é fruto do capitalismo, que utilizou dessa tendência para justificar a predominância dos interesses individuais da sociedade, formando indivíduos capazes de adaptar-se aos valores e normas vigentes na sociedade (LUCKESI, 2005).

A tendência tradicional liberal está pautada na acentuação do caráter humanístico, no qual o aluno é educado a fim de obter a sua realização por meio do seu próprio esforço, vivenciando uma prática escolar que não condiz com a realidade do aluno. Nesse caso, o papel da escola seria preparar o aluno intelectualmente, onde os conteúdos e conhecimentos são transmitidos como absolutos, ou seja, verdades inquestionáveis. O método de ensino baseia-se na exposição verbal dos conteúdos, com a utilização de modelos prontos. Na sala de aula, o professor é a única autoridade e o responsável por uma aprendizagem mecânica, que não considera as fases de aprendizagem dos alunos e suas respectivas idades. A criança é vista como uma adulta em miniatura, com assimilação idêntica a de um adulto (SAVIANI, 2008).

Segundo Libâneo (1990), a tendência liberal renovada ainda acentua a cultura do desenvolvimento das aptidões individuais. A escola continua preparando seus alunos para assumirem papéis na sociedade, mas começa a considerar as necessidades dos educandos no meio social, passando a imitar a vida.

Nessa tendência, a atividade pedagógica está centrada no aprender fazendo, onde o aluno é o elemento principal, levando em conta os interesses dos alunos. Valoriza-se as necessidades individuais dos alunos, mas partindo de uma outra ótica, onde os conteúdos são organizados considerando as vivências dos educandos, considerando as habilidades mentais e cognitivas, na busca por de fato aprender a aprender (LUCKESI, 2005). A aprendizagem que antes era mecanizada, agora se torna uma constante descoberta, uma auto-aprendizagem, no qual o ambiente é apenas uma forma de estimular essa aprendizagem. O aluno estabelece uma relação de descoberta pessoal, onde só fica retido o que está incorporado a atividade do mesmo.

O papel da escola nesta tendência é preparar o aluno para assumir um papel na sociedade, para tal, os conteúdos estão baseados nas experiências vividas dos alunos diante das situações problemas que lhes são impostas. Os métodos utilizados baseiam-se nas experiências, nas pesquisas e nos métodos de solução de problemas. O professor nesse processo, nada mais é que um auxiliador no desenvolvimento da criança, que ocorre de forma livre. A aprendizagem baseia-se na motivação e na solução de problemas (LIBÂNEO, 1990).

A tendência liberal renovada não-diretiva acentua-se na formação de atitudes, preocupando-se mais com os problemas psicológicos do que pedagógicos ou sociais. Busca-se a mudança interior do indivíduo para que se adapte ao ambiente. Neste caso, a aprendizagem está direcionada para que os alunos modifiquem suas próprias percepções, privilegiando a auto-avaliação. O ensino é centrado no aluno, onde o professor é apenas facilitador de todo o processo de ensino aprendizagem.

Esta vertente está centrada na relação de respeito entre professor e aluno, na qual o educando tem autonomia e é ativo em todo o processo de ensino aprendizagem, o aluno torna-se sujeito da sua aprendizagem, privilegiando assim a auto-avaliação (BARADEL, 2007; LUCKESI, 2005; LIBÂNEO, 2006).

A tendência liberal tecnicista permite que a escola aperfeiçoe o sistema vigente (o capitalismo), atuando juntamente com o sistema produtivo. Nessa perspectiva, o objetivo dessa tendência é produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho e não baseado na preocupação com as mudanças sociais (SAVIANI, 2008).

A tendência tecnicista vê o aluno como um depósito passivo de conhecimento, tornando-se de certa forma em uma modernização da escola tradicional. A escola assume a função de modeladora do comportamento humano, por meio de técnicas específicas, onde os métodos de ensino baseiam-se na transmissão e recepção de informações (SAVIANI, 2008).

Para Luckesi (2005) essa tendência é baseada em métodos e técnicas que visam a transmissão e a recepção de informações, no qual o papel do professor é organizar os conteúdos de modo que essas informações sejam de fato fixadas pelos alunos, além disso busca modificar o desempenho dos docentes por meio de seu comportamento, pelo controle de ensino.

Segundo Libâneo (1990) a tendência pedagógica progressista está pautada na análise crítica da realidade social e nas finalidades sociopolíticas da educação, tornando-se instrumento de luta dos professores.

As tendências progressistas libertadoras e libertárias têm pontos em comum, como a defesa da autogestão pedagógica e o antiautoritarismo. Paulo Freire era adepto da escola libertadora, que estava ligada a educação e a luta das classes oprimidas. O papel da escola nessa tendência é levar os alunos e professores a tomar consciência a respeito da realidade e da busca pela transformação social. Os conteúdos giram em torno de temas geradores, que possibilitam a formação de grupos de discussão. Nessa tendência, o professor e o aluno convivem de igual para igual e a relação professor/ aluno concentram a aprendizagem por meio da resolução de situação problema.

Paulo Freire é o autor que mais se destaca nessa tendência, para ele é necessário que o oprimido se reconheça nessa situação e busque a sua libertação. Isso só é possível de acontecer por meio da elaboração da consciência crítica e da organização das classes.

A escola progressista libertária parte do princípio que apenas o que é vivido pode ser incorporado pelo aluno, ou seja, tudo que é mediado deve ter importância e ser possível de ser colocado em prática. Para a escola cabe o papel de transformar a personalidade dos alunos num sentido libertário, onde ele consiga a sua autogestão. A relação professor/ aluno não é diretiva, o professor é orientador e os alunos livres.

A tendência crítico-social acentua a relevância dos conteúdos no confronto com as realidades sociais. A aprendizagem ocorre partindo dos conhecimentos que os alunos já têm. Em consonância com essa abordagem Saviani (1991) afirma que:

a Pedagogia Crítica implica a clareza dos determinantes sociais da educação, a compreensão do grau em que as contradições da sociedade marcam a educação e, conseqüentemente, como é preciso se posicionar diante dessas contradições e desenredar a educação das visões ambíguas para perceber claramente qual é a direção que cabe imprimir à questão educacional (p. 103).

Nessa tendência o papel da escola é difundir os conteúdos. Esses conteúdos são incorporados a realidade social dos indivíduos, onde serão confrontados os saberes dos alunos com o saber sistematizado. A relação professor/ aluno enfoca o papel do aluno como participante do processo de aprendizagem e o professor como mediador dos conhecimentos e saberes.

Em linhas gerais, as tendências pedagógicas liberais não se preocuparam em transformar a sociedade, já as tendências pedagógicas progressistas, em oposição às liberais, têm em comum a análise crítica do sistema capitalista.



## **4.0 PROFESSOR E A AFETIVIDADE**

### **4.1. CONSTRUINDO A AFETIVIDADE**

A palavra afeto significa as diversas emoções que o ser humano pode expressar diante de determinadas situações (Dicionário Aurélio, 2009). Já o termo afetividade é um derivado da palavra afeto que expressa uma relação de carinho ou cuidado que se tem com alguém.

Esses vínculos afetivos que os homens estabelecem durante sua vida em sociedade dizem muito e são bases fundamentais para a sua inserção social, pois eles vão se formando na interação entre os indivíduos.

A interação social ocorre dentro de um sistema cultural, onde o grupo de pessoas tem um significado por seu modo de vida, sua língua, sua maneira de perceber, classificar e pensar a respeito do mundo. Também tem sua diferenciação na forma de comunicação não-verbal, norma e comportamento, valores morais e ideais. [...] “Todos esses aspectos da cultura afetam o comportamento social, direta ou indiretamente” (ARGYLE, 1974, p.148).

É notório que a sociedade exige que os homens mantenham vínculos afetivos entre si, esses vínculos podem expressar condutas e emoções, que farão parte da construção da identidade desses indivíduos ao longo de toda a sua vida. Desse modo, a afetividade tem ligação com o domínio das emoções, dos sentimentos, das experiências vividas e da forma como esses elementos são expressos pelo homem.

Nessa perspectiva é que se evidencia a necessidade da construção da afetividade na relação professor aluno, já que esse fator é essencial para o crescimento e desenvolvimento do ser de forma integral. Os autores Borba e Spazziani (2007, p. 2) afirmam que “a afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar”.

A construção dessa afetividade tem início, segundo Santos (2004, p. 9), com “o nascimento da criança, do ponto de vista biológico, é um acontecimento repentino e dramático”. Porém, o processo de nascimento e amadurecimento psicológico, ocorre devido às experiências e as relações que as crianças estabelecem juntamente com os adultos e com o meio no qual estão inseridos.

Nessa mesma linha de raciocínio compreende-se que a primeira forma de inserção das crianças na sociedade ocorre por meio do contato e expressão corporal, já que é por meio deles

que as crianças estabelecem contato com o meio físico, iniciando esse processo no seio familiar e dando continuidade no ambiente escolar, local facilitador dessas vivências e dessas interações.

Com o passar do tempo, a criança passa a atribuir significados em seus movimentos, a fim de ter suas necessidades satisfeitas. É o que acontece, por exemplo, com os bebês, como sugere os autores Oliveira e Braga (2009, p. 27) quando citam que, “Logo ao nascer, o bebê entra em contato com pessoas dando início a interações recíprocas, ou seja, afetando o comportamento das pessoas ao seu redor e, igualmente, sendo afetado por elas”. É dessa forma que o bebê vai se adaptando ao mundo. Logo nos primeiros anos de vida, que essa interação entre a criança e o adulto se estabelece, formando vínculos de afetividade que permeiam essa relação e que podem configurar no seu comportamento futuro.

De acordo com Mahoney e Almeida (2006, p. 61), a afetividade refere-se “à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno, por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”, conferindo significado e valor sentimental a essas situações.

O processo ensino-aprendizagem exige respostas corporais, contatos epidérmicos, daí a importância de se ligar ao outro, que o segura, carrega, embala. Através dessa fusão [...], vai se familiarizando e apreendendo esse mundo, portanto, iniciando um processo de diferenciação (MAHONEY; ALMEIDA, 2006, p. 62).

Tomando como base a citação acima, pode-se concluir que a emoção torna-se um mecanismo ativador do desenvolvimento cognitivo da criança. Com a ajuda do adulto, a criança vai se apropriando da realidade do mundo que a cerca.

Diante o exposto, Vayer (1989) atribui à linguagem importante papel quanto ao desenvolvimento infantil, concluindo que,

Com a linguagem, o ritmo de desenvolvimento acelera-se, pois ela permite intercâmbios com o mundo do adulto bem como com o mundo das outras crianças. Enfim, associada à ação que ela permite formular, antes, durante, e depois, a linguagem representa um papel fundamental na transformação das condutas materiais em pensamento. (p. 22).

Quando a criança de fato conquista a linguagem oral, ela começa a se comunicar, expressar suas ideias, compartilhar suas intenções junto a os outros indivíduos e estabelecer o diálogo nas mais variadas situações.

A criança utiliza a constante observação das atitudes, ações e comportamentos dos adultos, para construir a sua própria identidade. Nesse sentido, o adulto assume o papel de facilitador das diversas situações em que as crianças possam desenvolver o conhecimento.

O desenvolvimento da linguagem pode ser entendido como um processo de elaboração e simbolização do pensamento humano. É a faculdade humana e abstrata de representação de conteúdos por meio da qual o homem pode estabelecer contatos com seus semelhantes desenvolvendo a habilidade de compartilhar suas experiências, pensamentos, idéias, e buscar novos conhecimentos (OLIVEIRA; BRAGA, 2009, p. 91).

Pode-se concluir que é por meio da continua construção da afetividade que as crianças e alunos afirmam os conceitos, idéias e valores que determinarão a sua identidade perante a sociedade na qual está inserido.

#### 4.2 AUTO-ESTIMA X APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ENSINO

O ser humano necessita viver em sociedade e adaptar-se constantemente ao meio e para que possam garantir a estabilidade e satisfação pessoal, precisam estar em continua interação com os outros seres.

Segundo Branden (1998),

Diante do colapso do consenso cultural, da falta de modelos de papéis dignos, das poucas coisas públicas que inspirem nossa fidelidade, e das rápidas e desorientadoras mudanças que são a feição permanente de nossa vida, é perigoso não saber [...] confiarmos em nós mesmos (p.09).

Cada vez mais as pessoas precisam estimular a auto-estima, ou seja, quando o indivíduo não encontra a satisfação pessoal por meio das interações externas, ele necessita criar internamente essa auto-afirmação, onde o indivíduo pensa, realiza e acredita no que está sendo feito.

Oliveira e Braga (2009, p. 32) afirmam que “Ligações afetivas iniciais formam a base para os sentimentos de ser amado, valorizado e são necessárias para a auto-imagem”. A auto-estima e a auto-imagem, tornam-se por vezes o alicerce para as interações sociais estabelecidas entre os indivíduos.

Segundo Argyle (1974, p.163), “Se os pais dizem ao filho que ele é inteligente ou o tratam como indigno de confiança, esses atributos podem integrar-se em sua ego-identidade”.

Partindo desse contexto, os adultos influenciam diretamente a maneira pela qual a criança constrói a sua auto- imagem.

Fica evidente que a base para que se estabeleça a auto- estima parte da auto- aceitação, ou seja, o valor que o indivíduo dá a si mesmo. Quando isto não acontece, acaba gerando bloqueios que crescem e aparecem como resultado da oposição e da submissão ao que lhe é imposto.

O sistema de ensino desde os primórdios tinha como objetivo formar cidadãos bons, resultado da memorização de um conjunto de conteúdos, conhecimentos e princípios pré- estabelecidos pela sociedade.

A educação por muito tempo formou indivíduos destinados a obediência ao autoritarismo vigente, conformados com a sua realidade e com os estereótipos impostos, em vez de pessoas capazes de pensar livremente sobre diversos assuntos, usar a criatividade e a originalidade.

No contexto escolar, o professor assume o papel de incentivador da auto- estima dos alunos, tornando- se modelo a ser seguido dentro da sala de aula. No entanto, podem ocorrer bloqueios de ambas as partes, que impossibilitam essa auto- estima, acarretando a falta de interesse na mudança e a não aceitação.

O comportamento humano pode sofrer a influência de diversos fatores, como os biológicos e cognitivos, no entanto, deve- se considerar que os fatores emocionais são responsáveis pela efetiva motivação.

A forma como se comporta, a confiança com que enfrenta novos problemas, o interesse que demonstra na aprendizagem de novas coisas - tudo é função de sua auto-imagem. Sua atitude acerca de si mesma se reflete em suas respostas emocionais às outras pessoas. Pode-se tratar de uma criança feliz, afetuosa, comunicativa, que simpatiza rapidamente com os demais e se dispõe a partilhar seus brinquedos e a dar-se bem com seus companheiros de brincadeiras. Ou pode tratar-se de uma criança ansiosa, cabisbaixa, tímida ou hostil, que assim expressa sua raiva e seu medo diante da maneira com que o mundo a vem tratando (PULASKI, 1986).

A aprendizagem significativa precisa considerar esse conjunto de fatores, já que eles interferem na interação e na motivação da criança. O aluno deve estar motivado a sentir- se capaz de realizar o que é proposto, descobrindo novas experiências, com sentimento de autonomia.

Outro fator importante que deve ser considerado é segundo Brasil (1998, p.13), “O modo como os traços particulares de cada criança são percebidos pelo professor, e pelo grupo em que se insere tem um grande impacto na formação de sua personalidade e de sua auto-estima, já que sua identidade está em construção”.

O professor consciente de seu papel deve respeitar a identidade de seus alunos, criando um ambiente educativo, com vista a alcançar uma aprendizagem significativa. Nessa perspectiva, conclui-se que uma aprendizagem significativa está inteiramente ligada a forma como o professor estimula seus alunos a transformar atitudes gerando ações conscientes e críticas. Ou seja, uma aprendizagem significativa tem como objetivo permitir que tudo que foi mediado tenha significado e que possa ter aplicabilidade no cotidiano do aluno.

## **5. METODOLOGIA**

A pesquisa realizada trata-se de um estudo bibliográfico que se refere a relação professor/aluno(a) no processo de ensino aprendizagem no ensino fundamental. Esse tipo de pesquisa refere-se ao “conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA; MIOTO, 2007).

Sendo assim, para tais autoras, é considerado que a pesquisa bibliográfica deve buscar explicar as normas metodológicas que proporcione a busca de possíveis soluções para um determinado problema de pesquisa. Desta forma, o assunto em referência foi abordado através de leituras de artigos e sites relacionados com o mesmo, bem como de autores que referenciam o assunto de forma fundamentada e responsável.

Busca-se, portanto, nesta pesquisa, elaborar uma análise crítica e reflexiva acerca da relação professor/aluno(a) no processo de ensino aprendizagem no ensino fundamental como uma ferramenta poderosa para o processo de ensino e de aprendizagem, bem como de aperfeiçoamento profissional, dentre outros aspectos.

## 6. ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXIVA

Com o objetivo de realizar uma pesquisa bibliográfica, foi adotado como técnica a seleção e leitura de diversos artigos e livros de diversos autores conceituados na área da educação para que se pudesse obter respostas sobre a importância da relação professor aluno no processo de ensino aprendizagem.

Por tanto, pode-se perceber os diversos fatores que envolvem essa relação no ambiente escolar, bem como as teorias que norteiam muitos dos comportamentos, métodos e técnicas que influenciam os docentes e discentes ao longo do processo educativo.

Dentre essas teorias estão as tendências pedagógicas, citadas nesse trabalho pelos autores Luckesi, Libâneo e também Paulo Freire que mostram que as mesmas podem direcionar a prática pedagógica dos docentes de acordo com os objetivos a serem alcançados. Nessa perspectiva, o professor pode assumir diante seus alunos a postura de autoritário, permissivo ou o mediador.

Baseado no que foi estudado, o professor autoritário é proveniente da tendência tradicional, na qual o educador é a autoridade máxima da sala e seus alunos o devem obediência. A relação entre professor e aluno nessa tendência, baseia-se na constante busca pela disciplina imposta pelo medo, onde o aluno é apenas um mero receptor de informações, informações estas que muitas vezes não servem para a sua realidade e não atribuem significado a sua vida.

O professor permissivo é aquele que deixa com que o aluno direcione o processo educativo, nas tendências libertadoras, o professor deve deixar que seus alunos sejam o centro do processo educativo, no entanto, essa atividade ainda exige um direcionamento por parte do docente, esse acompanhamento deve ocorrer de forma a considerar os conhecimentos trazidos pelos educandos, mas levá-los a tomar conhecimento dos conteúdos científicos.

Já o professor mediador, é aquele que percebe que os conteúdos não podem ser apresentados de forma estática, e voltados apenas para uma direção. O professor mediador compreende que a relação com seus alunos deve estar pautada não somente na transmissão dos conteúdos, mas sim na aprendizagem de valores e comportamentos que poderá possibilitar aos educandos a transformação da sociedade em que vive, em benefício de uma coletividade.

A relação estabelecida entre professores e alunos, constitui o elemento fundamental do processo de ensino aprendizagem. É por meio dela que professores aprendem e ensinam, levando em consideração a realidade que ambos vivenciam, construindo uma relação de afeto e confiança.

No desejo de exercer sua real função, os educadores devem aprender a conciliar a sua autoridade com o respeito e a afetividade, interagindo com todos alunos de forma igualitária e ao mesmo tempo atender as necessidades individuais dos seus educandos.

Tornar-se um professor facilitador do conhecimento não é tarefa fácil e exige um esforço mútuo de ambas as partes envolvidas, além da quebra de muitos paradigmas que envolvem o processo educativo, conscientizando-se também de que uma sala de aula não apresenta um aprendizado homogêneo e de forma imediata.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho esclarecer através de uma pesquisa bibliográfica, crítica e reflexiva, a influência do relacionamento afetivo entre professores e alunos, verificando as dificuldades e os sucessos caminham juntos.

Através destes esclarecimentos presentes nessa pesquisa, foi possível identificar os pontos relevantes, que possam estimular tanto o professor quanto o aluno à convivência de afetividade no processo educativo levando-os a uma educação de qualidade. Porém, entender que esse fator tem uma grande importância para o aprendizado do aluno dentro da sala de aula.

Esta pesquisa ganha importância no âmbito educacional ao organizar as visões de diversos autores sobre o verdadeiro papel do professor, que deve ser o mediador do conhecimento sistematizado e tem de possibilitar variadas situações para que seu aluno consiga chegar ao aprendizado necessário. Seu papel é de nortear os alunos criando assim um caminho satisfatório e motivador para que os educandos se interessem pelo conteúdo apresentado. Por isso, a relação do professor com o aluno deve ser boa para facilitar a comunicação dentro da sala de aula.

Conclui-se que é imprescindível a construção de um olhar voltado para a importância fundamental da relação professor/ aluno, estimulando a percepção de que os saberes que surgem dessa relação são fundamentais para a construção do conhecimento de todos os indivíduos envolvidos.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. São Paulo: Cortez, 1990.
- ANDRÉ, Marli (org.). **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.
- ARGYLE, M. **Comunicação e Dinâmica de Grupo**. Bases Psicológicas. São Paulo: Ibrasa, 1974.
- BARADEU, Carina de Barros. **Didática: Contribuições Teóricas e concepções De Professores**. 2007.
- BORBA, V. R. S.; SPAZZIANI, M, L.; **Afetividade no contexto da educação infantil**. Ribeirão Preto, 2007. Disponível em: [http://www.anped.org.br\\_reunioes/30ra/trabalhos](http://www.anped.org.br_reunioes/30ra/trabalhos). Acesso em: 23 abr.2017.
- BRASIL – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9394/96. NDEN, N. **Auto-estima e os seus seis pilares**. São Paulo: Saraiva,1998.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa** [2a ed.]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [2009].
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa** (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- GÓMEZ, A. I. P. **A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula**. In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Compreender e transformar o ensino*. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. Data de Acesso: 07/04/2017.
- LIBÂNEO, José Carlos – **Democratização da escola pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**, 2006, 21º edição.
- LIBÂNEO. José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista Katalysis, v. 10, p. 35-45, 2007.

- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 17ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005.
- MAHONEY, A. A; ALMEIDA, L. R. **Viver mente & cérebro**. São Paulo: Segmento-Duetto, v.6, n.6, p.56-65, 2006.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- OLIVEIRA, J. P; BRAGA, T. M. S. (Org). **Desenvolvimento Infantil: Perspectivas de Atuação em Educação e Saúde**. Marília: Fundepe, 2009.
- PULASKI, M. A. S. **Compreendendo Piaget. Uma Introdução ao Desenvolvimento Cognitivo da Criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1986.
- SANTOS, Helio. **A busca de um caminho para o Brasil – a trilha do círculo vicioso**. São Paulo: Senac, 2001.
- SANTOS, S. M. P.dos. **Brinquedo e Infância. Guia para pais e educadores em creche**. São Paulo: Vozes, 2004.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 40 ed. Campinas: Autores Associados, 2008a.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia historicocrítica: Primeiras aproximações**. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.
- VAYER, P. **O Diálogo Corporal. A ação educativa para a criança de 2 a 5 anos**. Brasil: Manole, 1989.

